



# MATÉRIA-PRIMA

**Práticas Artísticas  
no Ensino Básico e Secundário**  
Vol. 7 (3), setembro–dezembro 2019, quadrimestral  
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829  
CIEBA—FBAUL

Para este número 18 da Revista Matéria-Prima reuniram-se 16 artigos que permitem colocar em perspetiva diversas dimensões da Educação Artística. Entre a consciência patrimonial e a emancipação, entre o domínio da técnica e do género, entre a integração e a maturação criadora, há um espaço a ser pesquisado, feito de história, de identidade, de ensaio e de inclusividade.

Revista **MATÉRIA-PRIMA**, Práticas Artísticas  
no Ensino Básico e Secundário  
Volume 7, número 3, setembro-dezembro 2019,  
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829

Revista internacional com comissão científica  
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
de Lisboa & Centro de Investigação  
e de Estudos em Belas-Artes

Revista **MATÉRIA-PRIMA**, Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário  
Volume 7, número 3, setembro-dezembro 2019,  
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829  
Ver arquivo em > <http://materiaprima.fba.ul.pt>

Revista internacional com comissão científica e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa & Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

#### Revista indexada nas seguintes plataformas científicas:

- QUALIS 2019: A3
- Latindex (catálogo) > <http://www.latindex.unam.mx>
- DOAJ / Directory of Open Access Journals > <http://www.doaj.org>
- EBSCO host > <http://www.ebscohost.com>
- Academic Onefile > <http://latinoamerica.cengage.com/rs/academic-onefile>
- CiteFactor, Directory Indexing of International Research Journals > <http://www.citefactor.org>
- GALE Cengage Learning — Informe Académico > <http://www.cengage.com>
- MIAR (Matriz de información para la evaluación de revistas) > <http://miar.ub.edu>
- Open Academic Journals Index > <http://www.oaji.net>
- SHERPA / RoMEO > <http://www.sherpa.ac.uk>
- SIS, Scientific Indexing Services > <http://sindex.org/>
- CNEN / Centro de Informações Nucleares, Portal do Conhecimento Nuclear LIVREI > <http://portalnuclear.cnen.gov.br/livre/inicial.asp>
- ROAD Directory of Open Access Scholarly Resources > <http://road.issn.org/en>

**Periodicidade:** quadrimestral  
**Revisão de submissões:** arbitragem duplamente cega por Pares Académicos  
**Direção:** João Paulo Queiroz  
**Divulgação:** Isabel Nunes  
**Lógica:** Lurdes Santos, Conceição Reis, Rosa Loures  
**Gestão financeira:** Isabel Vieira, Carla Soeiro  
**Propriedade e serviços administrativos:**  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal  
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689  
**Crédito da capa:** Do artigo de Marta Ornelas  
**Projeto gráfico:** Tomás Gouveia  
**Paginação:** Tomás Gouveia  
**Depósito legal:** 361793/13  
**ISSN (suporte papel):** 2182-9756  
**ISSN (suporte eletrónico):** 2182-9829



#### Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

##### Revista **Matéria-Prima**

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal  
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689  
**Mail:** congressomateriaprima@gmail.com

## **Conselho Editorial / Pares Académicos**

### **Pares académicos internos:**

ANA SOUSA

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

ANA PAULA CAETANO

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.

ANA PAZ

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA MARQUES

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

ANTÓNIO TRINDADE

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

ARTUR RAMOS

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

HELENA CABELEIRA

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

HELENA BARRANHA

Universidade de Lisboa, Instituto Superior Técnico, Portugal.

ELISABETE OLIVEIRA

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), Portugal.

ILÍDIO SALTEIRO

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

JOÃO PAULO QUEIROZ

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

JOÃO CASTRO SILVA

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

JORGE RAMOS DO Ó

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.

LUÍS JORGE GONÇALVES

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

MARGARIDA CALADO

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.

MARTA ORNELAS

Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA), Portugal.

SARA BAHIA

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.

### **Pares académicos externos:**

ALEXSANDRO DOS SANTOS MACHADO

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil.

ANA LUIZA RUSCHEL NUNES

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil.

ANA MARIA ARAÚJO PESSANHA

Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal.

ANALICE DUTRA PILLAR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.

BELIDSON DIAS

Universidade de Brasília (UNB), Brasil.

CATARINA MARTINS

Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), Portugal.

CHRISTINA RIZZI

Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

CONSUELO ALCIONI BORBA

DUARTE SCHLICHTA

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.

ERINALDO ALVES NASCIMENTO  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

FERNANDO MIRANDA  
Universidad de la República, Instituto Escuela  
Nacional de Bellas Artes (UdeLaR), Uruguai.

FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade  
de Educação, Brasil)

IRENE TOURINHO  
Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.

ISABELA NASCIMENTO FRADE  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
(UERJ), Brasil.

JOCIELE LAMPERT  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
(UDESC), Brasil.

JOSÉ CARLOS DE PAIVA  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
do Porto (FBAUP), Portugal.

LEONARDO CHARRÉU  
Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico  
de Lisboa, Portugal.

LÚCIA PIMENTEL  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG), Brasil.

LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul (UFRGS), Brasil.

MARÍA ACASO LÓPEZ-BOSCH  
Universidad Complutense de Madrid  
(UCM), Espanha.

MARIA CRISTINA DA ROSA  
Fundação Universidade do Estado de Santa  
Catarina (UDESC), Brasil.

MARÍA JESÚS AGRA PARDIÑAS  
Universidad de Santiago de Compostela,  
Espanha.

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA  
Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM), Brasil.

MARTA DANTAS  
Universidade Estadual de Londrina, Paraná  
(UEL), Brasil.

MIRIAN CELESTE MARTINS  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
(São Paulo), Brasil.

PALOMA CABELLO PÉREZ  
Universidad de Vigo, Espanha.

REJANE COUTINHO  
Universidade Estadual Paulista  
(UNESP, Campus São Paulo), Brasil.

RICARD HUERTA  
Universitat de València, Espanha

RICARDO MARÍN VIADEL  
Facultad de Bellas Artes, Universidad de  
Granada, Espanha.

RONALDO OLIVEIRA  
Universidade Estadual de Londrina,  
Paraná (UEL), Brasil.

SANDRA PALHARES  
Universidade do Minho, Instituto de Educação.

TERESA DE EÇA  
i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design  
e Sociedade (FBAUP), Portugal.

TIAGO ASSIS  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
do Porto (FBAUP), Portugal.

UMBELINA BARRETO  
Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul (IA-UFRGS), Brasil.

# Educação Estética e Ensino da Estética: distâncias e cruzamentos

*Aesthetic Education and Aesthetic Teaching: crossings and distances*

CARLOS VALENTE\*

Artigo completo submetido a 5 de maio de 2019 e aprovado a 15 de maio de 2019

\*Portugal, Docente do ensino universitário e artista visual.

AFILIAÇÃO: Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades, Departamento de Arte e Design. Praça do Município, 17 9000-082 Funchal Portugal. E-mail: cvalente@staff.uma.pt

**Resumo:** Esta comunicação pretende confrontar a educação estética, enquanto conceito difuso e integrado no ensino artístico, com o ensino mais específico da estética, enquanto área pedagógica autónoma. Esta problemática impulsiona o necessário mapeamento da formação superior nesta área, que é objeto da nossa investigação, e a qual pretende conhecer a realidade fenomenológica das disciplinas de estética, e afins, em Portugal.

**Palavras chave:** Estética / Ensino Superior / Portugal.

**Abstract:** *This paper intends to confront aesthetic education, as an imprecise concept joined in artistic education, with the more specific teaching of aesthetics as an autonomous pedagogical field. This question motivates the necessary mapping of higher education in this area, which is the subject of our research, and which seeks to recognize the phenomenological reality of aesthetic courses in Portugal.*

**Keywords:** *Aesthetics / Graduate Education / Portugal.*

### Introdução: Dos pressupostos teóricos e metodológicos

A educação estética assume contornos diversos na verticalidade do sistema de ensino: do básico ao superior, assim como na horizontalidade do saber: de um ensino mais generalista ao mais especializado. Como podemos, então, conceber a educação estética enquanto área de investigação e ação pedagógica? Conexa com esta, coloca-se mais uma questão: que relação tem a educação estética com a educação artística? Pode parecer à primeira vista uma relação óbvia e pacífica, mas, se aprofundarmos tanto factos como conceitos, verificamos que não. Em suma, retomamos aqui a nossa preocupação de base, exposta por nós em artigos recentes: O que é educar, a fim de contas, sob a égide da “educação estética”? É educar segundo princípios e valores estéticos predeterminados? Ou é ter em conta, sobretudo, uma dimensão estética? (Valente, 2019).

Para tentar responder àquelas questões, esta comunicação divide-se em duas partes: a primeira condensa as problemáticas da educação estética em Portugal, para traçar um ponto de situação; na segunda parte é apresentado o estudo de caso, que temos vindo a aplicar, em particular, ao ensino da estética no contexto da formação superior de modo a, num futuro próximo, efetivar uma triangulação analítica que permita (re)colocar a arte, a estética e o ensino num patamar dialogante.

#### 1. Primeira parte: Da educação estética e da educação artística

Começamos por elencar a “dimensão estética”, noção que aqui comparece enquanto adjetivação tanto da prática criadora como da fruição, e indissociável do contexto da educação artística. Chamamos também, porque diretamente associado, o conceito de “experiência estética”, enquanto práxis, no sentido de uma *aesthesis* reflexiva, convocando assim a sensibilidade. Mas estará a dimensão estética ancorada apenas no sensível? A ponte entre aqueles conceitos faz-se, evidentemente, com Marcuse (1977) quem, numa clara inspiração nas teorias freudianas, e posicionando-se criticamente perante as teorias marxistas, defendeu o uso do termo “estética” no seu sentido original e mais primordial, legitimando esta dimensão como “...associação íntima entre prazer, sensualidade, beleza, verdade, arte e liberdade” (Marcuse, 1999:156)

Interessa aqui, pois, descobrir por onde “anda” esta dimensão estética, quer no ensino básico quer no secundário, na sua condição de dimensão integrada, ou se quisermos, “diluída” nas disciplinas do foro artístico. Traçando uma muito breve panorâmica, partimos do currículo educativo nacional, atualmente em vigor em Portugal (Direção-Geral da Educação, 2018), para delimitar o lugar da educação artística, e nele, conseqüentemente, o lugar da estética. Assim,

no primeiro ciclo do ensino básico, a educação artística é considerada um dos núcleos de aprendizagem essencial, entre outros. Já no segundo e terceiro ciclos encontramos o desdobramento da educação artística em Educação Visual e Educação Musical. Por sua vez, no ensino secundário, ela surge integrada nos cursos de artes visuais, uma das grandes áreas em que se divide o currículo nacional. A dimensão estética supõe-se diluída pelos conteúdos destes cursos, em disciplinas tais como o desenho ou a história da cultura e das artes. Por outro lado, ainda no ensino secundário, notamos que a disciplina de filosofia contempla a estética, mas, na verdade, é apenas uma opção do docente: pode ser, simplesmente, não abordada.

Feita esta breve revisão, cabe questionar quais as premissas e conhecimentos estéticos que os docentes utilizam, quando desenvolvem uma situação de ensino-aprendizagem na área artística. Que formação possuem, no campo conceptual da estética? Em suma, como se processa a passagem de um ensino formal da estética (superior) para uma educação estética informal e integrada (ensino básico e secundário)? Esta questão, embora de difícil resposta, interessa-nos sobremaneira. Podemos perscrutar este problema, a montante, na formação dos docentes, já que a ligação entre arte e estética é adquirida quer na licenciatura, quer na subsequente formação pedagógica e didática. Interessa, pois, refletir acerca da formação que se cruza com as ciências de educação, nicho teórico do qual emanam os debates, no âmbito da pedagogia das “expressões”.

A produção de saber pedagógico em Portugal, no campo da educação artística, é fundada em diversos paradigmas teóricos. Assim, os estudos abordam o fenómeno artístico, na generalidade, enquanto lugar da liberdade expressiva, recorrendo a filósofos, historiadores, sociólogos, psicólogos, e incluindo problemáticas mais recentes como as ligadas à cultura visual, estudos culturais ou teorias da imagem, entre outras. Neste universo investigativo, e a título de exemplo, discutem-se conceitos tais como o gosto, a sensibilidade, a perceção, a imaginação e a criatividade. Curiosamente, o termo “estética” apenas vai surgindo, de quando em quando, utilizado como adjetivo por vezes vago, e quase nunca sendo diretamente discutido.

Atestamos esta tendência na prospeção a algumas revistas nacionais da especialidade. Destacamos, entre outras: a *Revista Portuguesa de Educação Artística*, editada desde 2011; a *Revista Matéria-Prima*, que publica artigos na área da educação artística desde 2012; e, mais recente, a revista online *Convergências — Revista de Investigação e Ensino das Artes*. Por sua vez, e ligados às revistas citadas, um considerável número de encontros, colóquios e congressos têm vindo a ser promovidos no que vai de século. Salientamos a *Conferência Mundial sobre*

*Educação Artística*, que teve lugar em Lisboa, sob os auspícios da UNESCO, no ano de 2006. Na esteira deste evento, foi realizada no ano seguinte a *Conferência Nacional de Educação Artística*, que decorreu no Porto. Na sequência destas iniciativas de grande escala, e com os pressupostos acima debatidos, é de referir a recente criação e implementação do *Programa de Educação Estética e Artística em contexto escolar* (PEEA). Este programa pretende atuar nos diversos domínios e linguagens artísticas e apresenta tópicos que importa associar ao que procuramos: a referência a uma educação estética. Contudo, verificamos que a palavra “estética” aparece apenas uma vez, no corpo do texto deste programa.

Ainda neste contexto, alguns investigadores têm vindo a estudar a evolução histórica do ensino artístico em Portugal, nos quais encontramos também a adjetivação estética. Lembremos, entre outros, os trabalhos de João Pedro Fróis (2005), Teresa Torres de Eça (2008), Catarina Martins e Helena Cabeleira (2018). Desta última destacamos a sua conceção e sistematização crítica da educação artística “...como um campo — com os seus especialistas, instituições, políticas e especificidades” (Cabeleira, 2018: 238) cobrindo o fenómeno, historicamente, dos anos 70 do século passado até hoje.

Posto isto, efetuámos uma revisão sincrética das publicações e dos eventos mencionados e, tendo auscultado a presença do termo “estética” nós mesmos, podemos inferir que o uso do mesmo assenta, na grande maioria, numa ideia difusa de pragmatismo estético, provindo do contexto norte-americano, onde se destacam as influências de John Dewey, Michael Parsons e Maxine Greene, entre outros. A experiência estética deweyiniana recai na conceção de um ensino artístico que integraria a vida quotidiana, e que brotaria naturalmente da relação do sujeito com o meio envolvente. Sob a perspetiva da psicologia cognitivista, M. Parsons coloca em primeiro lugar a interpretação do espectador, dando importância à narrativa individual, aberta e divergente. Menos referida, Maxine Greene, alinha-se conceptualmente com Parsons e aborda diretamente a necessidade de uma “educação estética”. A autora defende a formação dos docentes no âmbito específico da estética, enquanto filosofia da arte.

É, pois, neste âmbito concreto, da formação superior e da necessidade da estética como área explícita e autónoma, que passamos à segunda parte.

## **2. Segunda parte: Da Estética no ensino superior**

A nossa investigação de pós-doutoramento, que tem por objetivo mapear o lugar da estética na formação superior, a nível nacional, revelou à partida uma quase-ausência de reflexão no país acerca do nosso objeto de estudo. Porém, é de conhecimento geral que, no ensino superior português, a estética “subsiste”

hoje enquanto disciplina autónoma, apesar da sua evidente redução nos planos de estudo, em número de horas e de disciplinas, ao longo das últimas décadas, por razões várias.

Quando autónoma, a disciplina de estética continua fiel à base filosófica que lhe está na origem e está presente em licenciaturas tais como as de filosofia, artes plásticas, design, literatura, teatro, cinema, e música, entre outras. Enquanto disciplina introdutória, nos cursos de pendor artístico, a estética fornece a base histórica e os conceitos estéticos, assumindo por vezes a via da especialização, de acordo com o curso onde é lecionada, tornando-se assim uma estética do cinema, visual, literária, musical, etc. Em particular, notamos nas licenciaturas de filosofia uma fraca presença da estética, senão nula, enquanto disciplina independente e obrigatória, aparecendo sobretudo como disciplina optativa. Esta situação também se verifica nos programas de filosofia do ensino secundário, que deixam, de facto, pouco espaço de desenvolvimento para os conceitos estéticos, como referia Castel-Branco (1999), por terem também um estatuto opcional, e que conservam até hoje.

Inserida que está no grupo de disciplinas humanísticas, a estética padece também do que alguns apelidam de “crise” das humanidades, sendo verificável o seu desaparecimento em algumas licenciaturas, onde outrora era lecionada. As escolas e faculdades de Belas Artes, como a de Lisboa, têm debatido esta problemática. Uma plausível explicação para esta situação é dada por João Paulo Queiroz, quando refere que “... a ênfase no ensino profissional e tecnológico tem vindo a ganhar terreno numa lógica de empregabilidade ligada às ciências quantificáveis em detrimento das humanidades” (Queiroz, 2018:20). Por sua vez, Margarida Calado, responsável cessante pelo Mestrado em Ensino, naquela instituição, salienta que “... a formação humanística é fundamental para aqueles que pretendem ser artistas, como para aqueles que pretendem ser professores” (Calado, 2017:20). Porém, não se trata de uma situação exclusiva do ensino superior, pois estende-se ao básico e secundário, na opinião de Cristina A. Tavares: “Nos últimos tempos temos assistido a uma subalternização das disciplinas das áreas das Humanidades e das Artes dos currículos obrigatórios” (Tavares, 2017:117).

A formação superior dos docentes das artes visuais passa necessariamente, no entender de muitos e em boa-hora, por uma sólida componente teórica: “Aqueles que se preparam para o ensino terão, de uma outra forma, de possuir todos esses conhecimentos: desenho, geometria, história da arte e estética, são quatro pilares fundamentais para a formação de professores” (Calado, 2017:21). De entre estas grandes áreas, apuramos que a estética ocupa um lugar funda-

mental, enquanto pilar estruturante do indivíduo: “Os contributos da estética permitem um aprofundamento da reflexão acerca do posicionamento do “eu” no mundo [...] abordando as questões essenciais da experiência estética, assim como da compreensão do fenómeno artístico” (Tavares, 2017:121).

Por estas razões, e com o objetivo de compreender em que estado se encontra hoje esta área do saber, em Portugal, o nosso trabalho incidiu, numa primeira fase, na recolha e tratamento de dados disponíveis acerca dos programas de estética, ou de disciplinas afins, no todo nacional. Para tal, delimitamos o campo de estudo às licenciaturas e mestrados em vigor no ano letivo 2017-18, quer do ensino politécnico quer universitário, e tanto do sector privado como do público. O método quantitativo e a consequente análise estatística permitiram a criação de diversos quadros de análise e comparação, cuja abordagem interpretativa está ainda em curso. Foram analisados, entre outros, os seguintes parâmetros: a denominação que a disciplina assume; a área científica a que é adstrita; a posição da disciplina no plano de estudos; o facto de a disciplina ter continuidade ou não; quais os docentes responsáveis e os seus respetivos currículos (formação e publicações).

Foram identificadas, e tratadas, 119 disciplinas. Este total distribui-se do seguinte modo: 88 disciplinas no ensino universitário e 31 disciplinas no ensino politécnico. No ensino universitário, onde encontramos o maior número de ocorrências, podemos desdobrar as disciplinas por níveis e estatuto: 71 disciplinas de licenciatura (42 no ensino público e 29 disciplinas no ensino privado) e 17 de Mestrado (13 no ensino público e 4 no ensino privado). No quadro 1, podemos notar a grande dispersão de denominações, cursos e áreas científicas adstritas a esta disciplina. Constata-se, *grosso modo*, que a estética está maioritariamente presente nos cursos de filosofia, embora muitas vezes como disciplina de opção, mas também e sobretudo nos cursos de artes visuais e design. Comprovamos a existência, em grande número, de uma estética “aplicada”, em cursos tais como os de música, teatro, cinema e arquitetura.

No que diz respeito aos programas analisados (correspondentes a 70% do total das disciplinas em funcionamento; o restante 30% das disciplinas constantes nos planos de estudo, não disponibiliza o programa online), foram tratados dados tais como: objetivos, conteúdos, metodologia usada e bibliografia recomendada. No total, foram analisados até ao momento 55 programas, dos quais 49 provêm do ensino universitário (36 de licenciatura, 13 de mestrado) e 6 do ensino politécnico (Quadro I).

Quadro I

DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS DE ESTÉTICA POR: DENOMINAÇÃO, CURSO E ÁREA CIENTÍFICA					
Denominação da disciplina		nº de Cursos onde é lecionada		Área científica adstrita	
Estética	28	Filosofia	12	Filosofia	13
Estética I	12	Design de comunicação	7	Artes	12
Estética II	12	Design	6	Ciências da arte	12
Estética III	4	Artes visuais	5	Teoria e crítica da arte	8
Estética e teoria(s) da(s) arte(s)	8	Artes plásticas (ou visuais) e multimédia	4		
Filosofia (e teoria) da Arte	3	Estudos artísticos	3		
		Pintura	3		
		Cinema	3		
		Gestão do Património	3		
		Música	3		
Outras, começando por "Estética" (24 denominações diferentes)	24	Outros cursos com 2 disciplinas (16 cursos)	32	Outras áreas (18 áreas)	37
Outras, incluindo "Estética" (11 denominações diferentes)	11	Outros cursos com 1 disciplina (19 cursos)	19	Disciplinas sem qualquer referência à área científica	20

Porque não cabe aqui apresentar todos os quadros que até o momento já foram elaborados, expomos apenas, a título de exemplo, os resultados obtidos no domínio das recomendações bibliográficas. Sabemos, de antemão, que as listas oficiais de bibliografia são limitadas a um número máximo, imposto pelas regras de elaboração das fichas de disciplina, o que exclui outras obras que são eventualmente abordadas nas aulas, mas que não constam explicitamente do programa. Contudo, partimos do princípio de que o docente, ao destacar as obras constantes nas listas, está a privilegiar (oficial e publicamente) esses mesmos autores/obras.

No total, foram identificadas e tratadas estatisticamente 407 referências bibliográficas correspondentes a 55 programas de disciplinas do ensino superior, em cujo título consta a palavra "estética" assim como outras disciplinas afins (como filosofia da arte, por exemplo). Este universo congrega 260 diferentes autores (e 327 obras), divididos por nós deste modo: 101 autores foram referenciados duas ou mais vezes e 159 foram referenciados apenas uma vez. Verificamos, pois, que é superior o número de autores referenciados apenas uma vez, o que nos dá claras indicações da diversidade de visões e opções teóricas dos docentes responsáveis. Esta diversidade pode, para já, ser lida positivamente como liberdade e pluralidade de escolhas ou, negativamente, como dispersão e incoerência no padrão formativo.

Relativamente aos autores referenciados mais do que uma vez, foi possível identificar os dez mais recomendados (por número de programas em que cons-

tam, independentemente de os programas pertencerem, ou não, ao mesmo curso ou universidade). O autor referenciado num maior número de programas (27) é Kant, seguido de Platão, referenciado em 24, e de Mikel Dufrenne, em 11. Referidos em 10 programas diferentes encontram-se Theodor Adorno, Raymond Bayer, Gilles Deleuze e Umberto Eco. Foi também analisada a ocorrência de um dado autor no maior número de universidades ou institutos, permitindo deste modo verificar quais os autores mais generalizados e “consensuais” no todo nacional em análise. Por fim, foram contabilizadas as diferentes obras de um mesmo autor, tendo-se obtido que Deleuze, Platão e Danto lideram a estatística com, pelo menos, mais de 5 obras referenciadas. O quadro 2, dá conta dos autores que se encontram no topo da lista, faltando nesta amostra mais de 200 autores que aparecem referenciados menos de 6 ou 3 vezes, conforme o parâmetro (Quadro II).

Quadro II

## OCORRÊNCIA DE AUTORES POR PROGRAMAS, OBRAS E UNIVERSIDADES

por número de programas de UC				por número de universidades				número de obras por autor				
Autor	programas	a)	obras	univ	Autor	univ	obras	a)	Autor	obras	univ	a)
KANT	27		4	6	ADORNO, T.	6	4	10	DELEUZE Gilles	6	5	10
PLATÃO	24		6	4	HUISMAN, D.	6	1	8	PLATÃO	6	4	24
DUFRENNE, M.	11		4	4	KANT	6	4	27	DANTO, Arthur	5	4	5
ADORNO, T.	10		4	6	DELEUZE Gilles	5	6	10	ADORNO, T.	4	6	10
BAYER, Raymond	10		1	4	ECO, Umberto	5	4	10	DUFRENNE, M.	4	4	11
DELEUZE Gilles	10		6	5	FERRY, Luc	5	1	9	ECO, Umberto	4	5	10
ECO, Umberto	10		4	5	BAYER, Raymond	4	1	10	KANT	4	6	27
FERRY, Luc	9		1	5	DANTO, Arthur	4	5	5	Pombo, F.	4	1	5
JIMENEZ, M.	9		1	3	DUFRENNE, M.	4	4	11	SCRUTON, R.	4	3	6
HUISMAN, D.	8		1	6	PLATÃO	4	6	24	BENJAMIN, W	3	3	5
MERLEAU-PONTY	7		2	3	TOWNSEND, D.	4	1	6	COOK, Nicholas	3	1	3
SCHAEFFER, J.-M.	7		3	2	ARNHEIM, Rudolf	3	2	5	DORFLES, Gillo	3	2	3
ARISTOTELES	6		2	2	BENJAMIN, W	3	3	5	FRIED, Michael	3	2	3
BOZAL, V.	6		2	2	GIL, José	3	3	3	GIL, José	3	3	3
DICKIE, George	6		1	2	JIMENEZ, M	3	1	9	KRAUSS, Rosalind	3	2	5
SCRUTON, R.	6		4	3	MERLEAU-PONTY	3	2	7	SCHAEFFER, J.-M	3	2	7
TATARKIEVSKY, W.	6		3	2	SCRUTON, R.	3	4	6	TATARKIEVSKY, W.	3	2	6
TOWNSEND, D.	6		1	4								

## Do que ainda está por concluir

No que diz respeito ao nosso estudo, estão programadas entrevistas com alguns dos docentes responsáveis por estas disciplinas (algumas já foram realizadas) para além da necessária consulta aos programas em falta, não disponíveis online, e obtidos diretamente através do contacto com as instituições, o que se tem afigurado algo moroso. A ulterior aplicação do método qualitativo, de carácter

hermenêutico, permitirá destacar diferenças, pontos de contacto e intersecções entre os diversos programas em análise. Em última instância, será pertinente cotejar os resultados obtidos com estudos semelhantes realizados no estrangeiro, e sobre os quais já possuímos alguma recolha.

Em jeito conclusivo, podemos afirmar que o cruzamento necessário entre educação estética, num sentido amplo, e o ensino superior da estética, mais específico, poder-se-á fazer clarificando, em primeiro lugar, a atual situação da estética. No nosso entender, este estudo, ainda longe de estar concluído, permitirá traçar o mapa das tendências, potencialidades, lacunas e dificuldades da estética em Portugal, contribuindo assim para um conhecimento que se quer partilhado. O objetivo final é o de juntar esforços, estudos e pessoas à volta de uma área indispensável, polémica e assaz interessante, como o é a estética.

Mais ao longe, vislumbramos a possibilidade de um efetivo exercício de triangulação desta análise com o conceito de educação, em geral, e de arte, em particular. Tal poderá ser feito através de encontros ou seminários que debatam as distâncias e cruzamentos que todos intuem, mas que poucas vezes se discutem. Só assim poderemos entender que tipo de relações existem/subsistem entre o ensino superior da estética e a “educação estética” enquanto conceito vago e difuso, ainda hoje.

## Referências

- Cabeleira, H. (2018) “Educação artística em Portugal: um olhar sobre o estado do campo (1970-2017).” In Soto e Melo, A. (Org.) *A Educação artística no sistema de ensino português: conquistas e desafios*. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.
- Calado, M. (2017) “Que perspectivas para o ensino das artes?” In Queiroz, J. P. (Ed.) *Educação artística, desafios locais e globais: o VI Congresso Matéria-Prima* Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. 16-22.
- Castel-Branco, A. C. (1999). “A Formação Estética no contexto do sistema Educativo Português.” *GEPOLIS: Revista de filosofia e cidadania*, 6: 10-23.
- Dewey, J. (2010) [orig. 1934] *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marcuse, H. (2007) *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.
- Parsons, M. J., (1992) *Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo*. Lisboa: Presença.
- Queiroz, J. P. (2018) “Arte e novas Matérias: a educação sem rede.” In Queiroz, J.P. (Org.) *Transformar, criar, desafiar: o VII Congresso Matéria-Prima*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. 18-29.
- UNESCO (2005). *Guidelines and recommendations for reorienting teacher education to address sustainability*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001433/143370E.pdf>
- Tavares, C.A. (2018) “O ensino das humanidades e as artes: do que sentimos e o que podemos fazer.” In Queiroz, J.P. & Oliveira, R. (Org.) *Os riscos da arte: formação e mediação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. 115-122.
- Valente, Carlos (2018) “Narrativas da educação estética: num algures global.” *Revista Portuguesa de Educação Artística*, vol. 8, n. 2: 27-42.